

Gil Kamuttá

SABINO COSTA

Alguns traços do pintor amazônida



Santarém – Amazônia – Brasil

2025

AGRADECIMENTO

A todos e todas que cederam material para a ilustração, para a escrita, especialmente aos manos Gibson e Glau, que considero terem sido fundamentais por abastecerem este irmão com ricas memórias nossas e de Sabino Costa.

Assim como quero agradecer à Neuza Costa, minha esposa, por, pacientemente me ajudar com as fotografias, no manejo das tecnologias, leitura do original final e me livrar de muitos erros. Ainda que outros tenham passado, por nossas falhas, quase inevitáveis.

E, também, gostaria de agradecer à minha mãe Dádima, por ter, juntamente com a família do mano Glau e Sandra, sua esposa, filhos, noras, preparado uma belíssima homenagem pela passagem do aniversário de Sabino Costa. ficarão eternizadas essas imagens em cada um(a)

A todas e todos, obrigado!

Gilson da Silva Costa

Santarém, 03 de setembro de 2025

PREFÁCIO

A vida passa rápido, os humanos de mais sorte vivem um século apenas. Outros, extraordinariamente, ultrapassam alguns anos a mais – como Oscar Niemeyer. Parece que alguns artistas, cientistas e filósofos vivem para sempre em suas obras – imagino que o futuro lhe reserve essa imortalidade através de suas pinturas. Bravo! Que o tempo seja justo para ti, Sabino Costa, que tua memória artística seja, como na máxima arte de Salvador Dalí, “A persistência da memória”:



Os relógios derretidos, são surreais, mais em nossa memória o artista é, de fato, imortal.

Por isso, tua memória artística, persistirá, pelo sempre, enquanto existir a web, pois teu filho Gibson Costa, preparou um site onde figuram tuas principais obras. Eu, fiz este pequeno livro, onde aparecem, além de tuas mais expressivas pinturas (ao meu olhar, interpretação), também aparecem tuas mais vivas obras, feitas de DNA, tua linda família, mistura de amazonidades étnicas de indígenas, pretos, pardos, brancos.

Aqui, neste livro, estão tuas obras, nós. Nosso Amor. Gratidão. Exaltação. Teus parentes aparecem aqui - ao máximo que pude incluir - e aos que não aparecem nestas páginas, peço desculpas, o tempo de sua partida e a urgência de apresentar este livro ante aos teus olhos, foram implacáveis.

Espero que gostes, foi escrito em sua maior parte em menos de 40 horas. Evidentemente, não estão todas as tuas obras, todos os nossos sentimentos, mas todas as nossas verdades, sim. E, ao lado de suas pinturas, esculturas, e toda homenagem que prestamos a ti, pela passagem de teus 79 anos, constam de tua História de Vida, incluindo as belas, suaves e tocantes músicas que

teus netos executaram aos sons de violino, flauta... e as palavras de teus filhos, noras e esposa que emocionaram a todos.

Curta seu livro, seguiremos bem, com tua genética e genialidade em nós: eu, arriscando alguma coisa na Literatura; mano Gibson, um mago da website e outras artes digitais; mano Glau, um exímio talento – provou isso com a “Colmeia no Zaproma”, obra-prima de sua Arquitetura. Bem como tua genética flui e se insufla em teus netos, bisnetos e bisnetas – alguns já pequenos expoentes desta genética artística familiar, como verás.

Seguiremos com tuas memórias em nós, porque o relógio derrete tudo, não apenas a si, como pintou Dalí. Também um dia, registrou Mário Quintana: “O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações de minha família.” Sim: “o tempo não pára, não pára, não, não pára!” como entoou alto Cazuza. E Cronos segue seu curso.

Haverá tempos longos, em que “a persistência da memória” tua, atravessará em todos nós, de saudades.

Por gerações, pois ensinaremos, preservaremos tua memória em nossas crianças e gerações que houve um grande pintor em nossa família, artista que espalhou sua genética aos filhos, netos e bisnetos/as – mesmo que os tempos mudem e mudarão. Tua arte seguirá a metamorfose da vida, em interpretações da *História da Arte na Amazônia*, nas tuas denúncias do que aconteceu.

Porque sabemos através do filósofo Heráclito, que “as únicas coisas que permanecem são as mudanças”. E, todas as mudanças, quer aceitemos ou não, vem, virão, mesmo nos tempos mais profundos. Em bilhões de anos, todos seremos poeiras das estrelas, como parte de nossa pequenina participação na evolução da vida, essa fagulha de tempo mínimo que um dia vivemos neste planeta Terra. E, finalmente, viajaremos na velocidade quântica, faremos parte integral do Universo Sideral.

Gilson da Silva Costa, vulgo Gil Kamuttá

Santarém 03 de setembro de 2025

DEDICATÓRIA

Este é um pequeno livro de lembranças, História da Vida. Dedico-o ao meu pai, Sabino Costa, pela passagem de seu aniversário de 79 anos, em 30 de agosto de 2025. O faço em homenagem à um artista plástico, que dedicou sua arte a elevar a Amazônia, para a sua e as próximas gerações. A tua arte em ode, cores e protestos vivem!

A arte de Sabino, marcada por traços, tintas e troncos. Em sua maioria sem raízes, sem galhos, sem folhas – uma marca do artista em protesto à devastação da floresta. Um grito de dor a ecoar em cores, marrons-cinzas. Onde pássaros não poderão em seus galhos repousar, tão pouco fazer seus ninhos, fazer amor e alimentar-se. Pois frutos já não podem dar, nem abrigo.

Por toda parte estão os troncos suspensos, sem raízes e sem galhos, sem flores, sem frutos, sem sua seiva. Mas, em vivo protesto, estão na arte do amazônida, para mostrar às vindouras gerações que sobreviverem ao Capital e sua elite exploradora, opressora e aniquiladora – que por tanta riqueza se fez ao extrair da Natureza.

BREVE BIOGRAFIA

SABINO COSTA nasceu na ilha Mutuacá, município de Cametá – Pará. Aos dez anos de idade já pintava seus bichos, enquanto ribeirinho, filho de João Costa e Anézia Costa. Caboclo, sob os olhos amorosos dos pais, brincava de canoinhas e remos, lembranças que o acompanhariam por toda vida – amazonidades plásticas que brotariam em cores e traços.

A carreira artística de Sabino Costa teve início em 1978, com apoio da Secretaria de Meio Ambiente (SEMA), quando realizou a exposição sob o título *Áreas Ecológicas*, na Feira Agropecuária de Roraima, “fruto de um trabalho que fazia desde criança”, revela o artista, dentro da temática que lhe acompanha a partir do momento que “pensou fazer da arte a sua profissão”.

SABINO COSTA realizou 75 exposições entre individuais e coletivas e conquistou 18 prêmios, além de ilustrações e capas de livros. Sabino Costa, além de pintor, também exerceu a docência, Professor Universitário de Artes Plásticas. Tem trabalhos em 16 países.

Sobre a pintura de **SABINO COSTA** o jornalista e escritor Cyl Galindo descreve: “Como quem acende a luz diante do espelho para que a amada veja a beleza do próprio corpo, pinta Sabino Costa a Amazônia.” Sendo amazônico, faz da Região sua musa inspiradora.

Na Amazônia, consequentemente na obra “sabiniana”, o verde não é uma cor. É sinfonia de cores. A vida também não é uma. É profusão de vidas, brotando em todas as dimensões. Seu abstracionismo, portanto, é uma introspectiva meditação profunda e crítica sobre a existência e seus conflitos.

Não importa que **SABINO COSTA** esteja na Amazônia ou fora dela. Ela está dentro dele, vivendo cada sonho, cada atitude, e em cada tela – não como um “Grito do Silêncio”, mas como a aberta manifestação em explosão de cores, a pronunciar mais alto e ao longe as palavras em movimentos, curvas, retas, turbilhões em grossas camadas de tintas, em pinceladas e espartas espátulas, manejadas com maestria pelo artista em formas disformas. O abstrato no concreto, a vida da Natureza. A vida que ouviu, viu, amou e nos legou em sua arte. Obrigado! – os bichos, as plantas, os rios, as gentes das mais profundas amazonidades agradecem. Tua obra e legado, serão parte da História da Arte na Amazônia!

Parabéns por seu aniversário nosso pai!

Gilson Costa, Gibson Costa, Glau Costa.

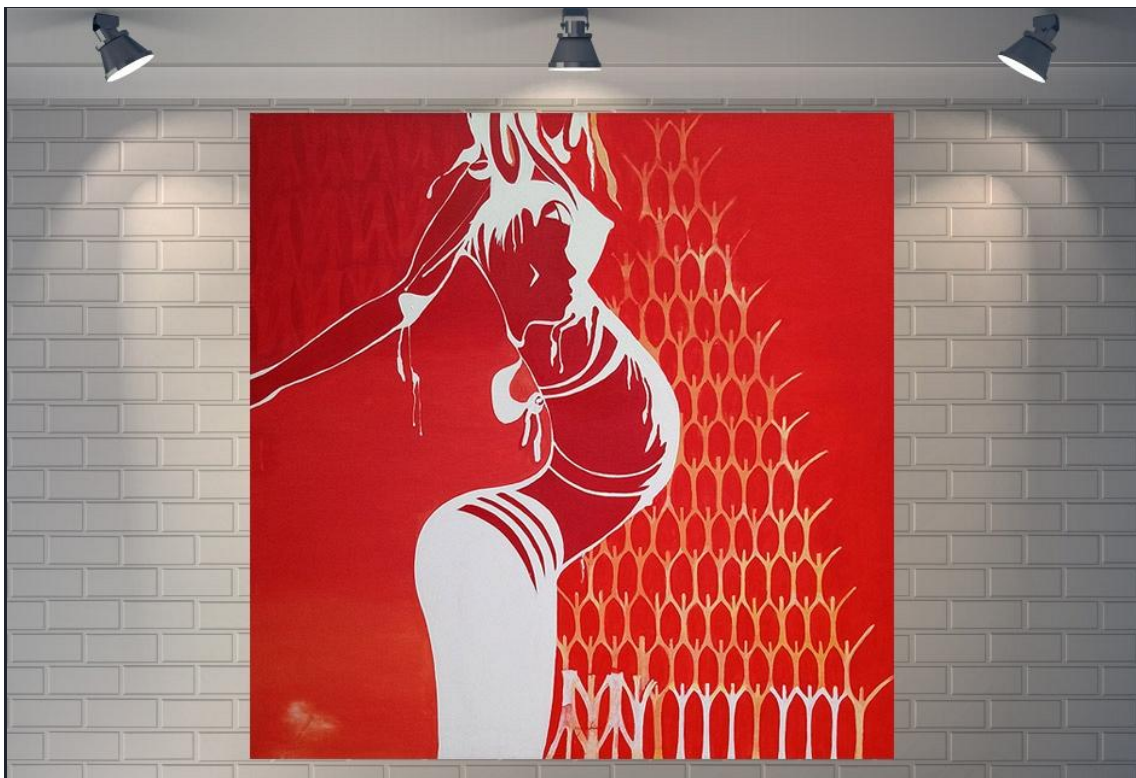
Brasília, 30 de agosto de 2025.



Barriguda Terra. Mãe Gaia. Sob ti, as cinzas, o carvão da floresta. Os troncos caídos, ...



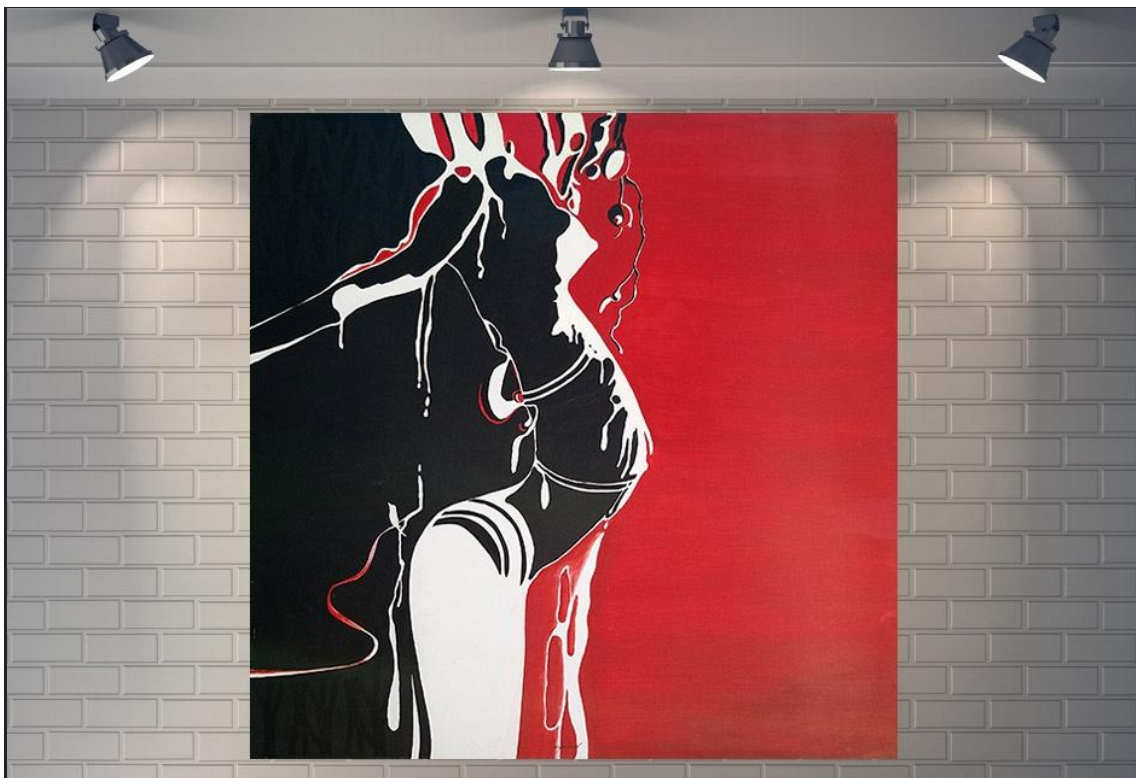
As barrigudas. A mãe Terra. A mãe Indígena. O poder da expressão do olhar do artista para a vida. O monumento dos traços em formas femininas. Cor. Forma. Noir. Suave. Seiva.



Barriguda. Mãe Negra. Envolta em vermelho sangue. Memórias ancestrais. Memórias do sangue vilmente lançado pela opressão, fúria e feiura da escravidão na Amazônia Colonial.



Barriguda. Mãe Branca. Envolta em cores europeias. Memórias dos invasores da Amazônia. Memórias em cores – “Liberté, Égalité, Fraternité”, que nunca vieram às vidas-mulheres.



Barriguda. Mistura da História Amazônica. Origem índiafroamazônica. Sacrifícios indígenas, africanos e vermelhos sangues derramados. Mas os Cabanos e a Ruge Revolução chegariam



Sabino Costa em seu ofício, lugar de satisfação, criatividade e leveza. Artista e Arte juntos. Fez da casa, ela toda Arte. Privilégio de Dádima, e seus visitantes, regalados pelos assombros. As viagens aos ricos rincões da Amazônia. Sabino Costa, imprimiu seu nome na História da Arte da Amazônia. Figurará entre os imortais da Praça dos Artista, em Cametá.



O látex escorre como o sangue branco da floresta. Folhas, flores, faunas e troncos ao chão.



Das simplicidades das formas em cerâmicas-pinturas às vivazes cores cercando a orquídea branca. A demonstração da criatividade do artista, na inscrição do movimento e da forma.



A Pantera Negra da Amazônia (*Pantera onca*), a onça que esconde em suas pelagens escuras a beleza de suas pintas diversas. Uma de suas pinturas mais emblemáticas, lindas, líricas e bravamente defensora da Amazônia! Aqui, o artista não economizou em cores, tintas, talentos. Um abstrato que fala das realidades amazônicas! Uma poesia em forma de pintura e vice-versa, para a honra e a glória, encravada na História. Escrevo eu, também, minha obra-prima, que se chama "Amazônia Profunda". Desejo muito que esta tela seja a capa do livro – assim a queria no meu acervo, além de capa, evidentemente, seria guardar sua memória em casa, que um dia virará, quando eu me for, o "Museu Zaproma - Amazônia Profunda". Curadoria de Dra. Neuza Costa, onde os visitantes poderão também apreciar as "Barrigudas".

17 a 23 de Setembro de 2007 nº 394

Exposição Terra...Viva! em cartaz no Incra

O artista plástico e servidor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) Sabino Costa está expondo trabalhos no Espaço Cultural do Incra, em Brasília. A exposição "Terra...Viva!" teve como inspiração o aquecimento global e surgiu a partir do programa Primavera dos Museus, do Departamento de Museus e dos Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A exposição de quadros em acrílico tem o objetivo de conscientizar crianças, jovens e adultos para a importância da preservação do meio ambiente. Além disso, pretende alertar a população sobre as consequências do aquecimento global e estimular a participação dos cidadãos em causas ambientais. Para isso, Costa utiliza manifestações artísticas que refletem equilíbrio entre ciência e tecnologia.

A primeira exibição do paraense Sabino Costa, denominada Áreas Ecológicas, aconteceu em Boa Vista (RR), em 1978. À época, o artista já buscava inspiração para suas obras na temática ambiental. De lá pra cá, Costa já realizou mais de 68 exposições individuais e coletivas. Recentemente, participou do XII Circuito Internacional de Arte Brasileira, que percorreu a Bélgica, a China e a Tailândia. O artista reside em Brasília desde 1980.

A exposição "Terra...Viva!" está aberta a visitas até 1º de outubro, das 9h às 18h, no Espaço Cultural do Incra, no edifício do Palácio do Desenvolvimento, térreo, no Setor Bancário Norte – Brasília/DF. Informações: (61) 3411-7676 ou 3411-7729. A entrada é gratuita.

- Publicação destaca legado do economista Vitor de Athayde Couto Filho
- II Encontro da Rede de Estudos Rurais consolida trabalho do grupo
- Declaração aprovada pela ONU assegura os direitos dos povos indígenas
- Conferência de Bioenergia discute os desdobramentos dos biocombustíveis no Brasil

Se você não quiser receber o boletim, clique aqui para remover seu cadastro

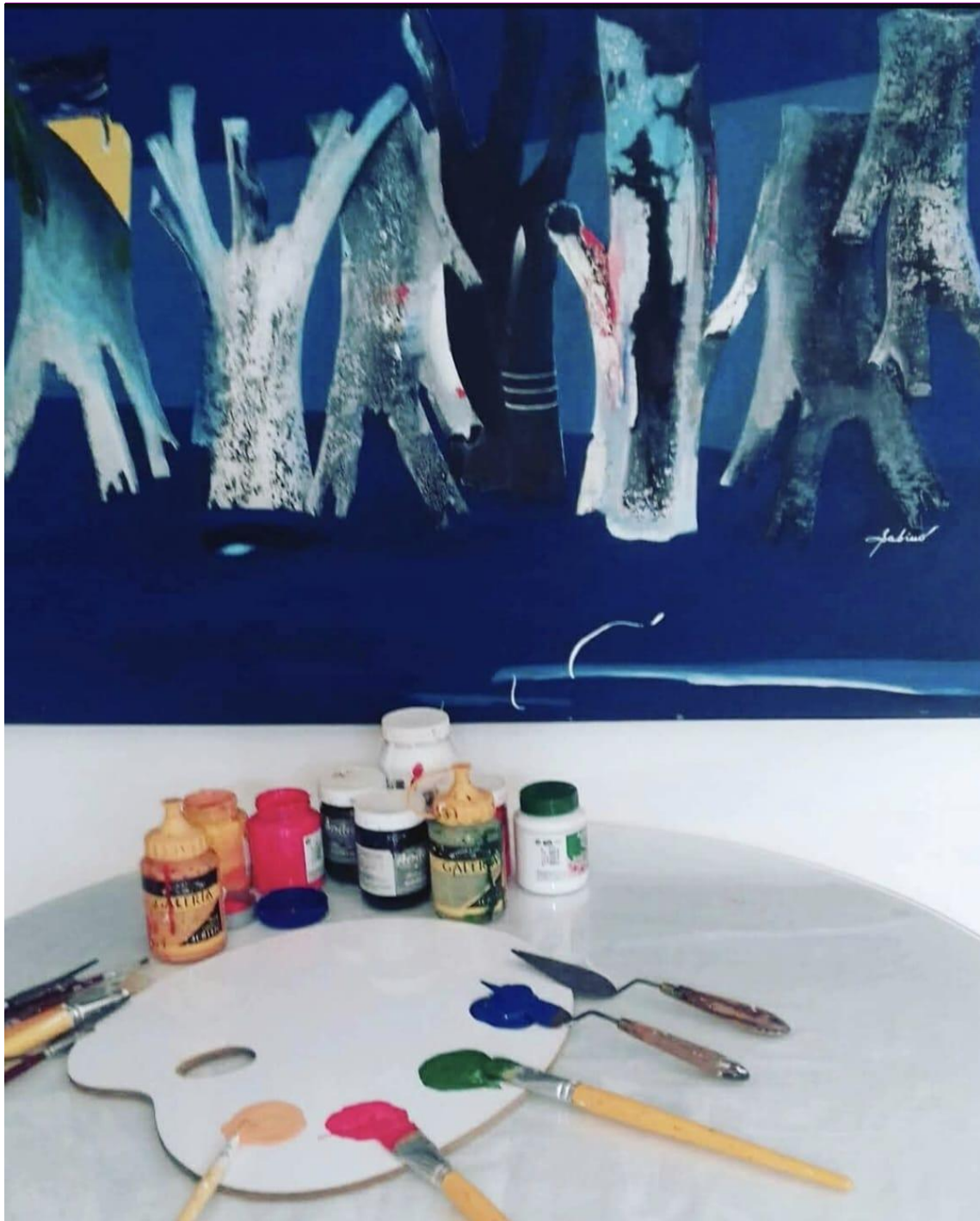
Registro da História. Paisagens amazônicas expostas em lutas vivas. O artista da Terra. Poucos conseguem encontrar seu lugar no mundo, através da pintura perfeita, Sabino abusou.



Vermelho, fogo! Sobrevoa uma águia (*Harpia harpija*), ver de cima os últimos aconchegos do casal carinhoso de aves, últimos segundos ante a dor, tristeza devorante da vida, da floresta. Todos os anos, o ano todo, mas, principalmente no segundo semestre a Amazônia em Chamas – milhões e milhões de vidas perdidas, mutiladas, horror dos horrores. Os “donos da terra”, os grandes destruidores, deixam a floresta cada vez mais sem vida, seca, amplas quilômetros de fumaças invadindo as cidades, as vilas, comunidades inteiras carbonizadas. Até quando?!



Céu Azul - depois das queimadas, os troncos em cinzas. Mas sem lugar para pousar, repousar, recriar... a vida voa sobre os céus poluídos, esperando as chuvas invernais da Amazônia. Janeiro, fevereiro, março, ... as águas! O retorno lento da floresta a se recriar. Ainda este ano, mais um ano, ela resistiu. Mas muitos seres se foram e o céu azul, as vezes fica turvado, carregado de nuvens anunciadoras da esperança, todo primeiro semestre.



Teus pincéis e espátulas, tuas cores afiadas seguem eivadas de denúncias sobre o intenso corte do Norte. Sempre te disse, que a arte deve ter um lado, uma causa, servir de arena de disputas de consciências críticas, ficar ao lado dos povos oprimidos, explorados, aniquilados ... e aos poucos fostes me ouvindo. Evidentemente que pintar as orquídeas e os beija-flores é lindo, todos querem ver a beleza, a leveza. Mas o mundo não é sempre belo, apenas nos sonhos dos idealistas. Na vida real, histórica, material, existem brutalidades, violências... e é preciso escolher o lado que se vai lutar, fazer parte. E tuas mais belas obras eclodiram!



Ainda bem que a noite calma chega. Os bailes dos botos, as marés alta, a lua pálida... É tempo de lua cheia! Ela meche com tudo, com a cabocla, o boto e as paixões. A vida revira em ondas suaves. Namoreios dos bichos, humanos e não-humanos, misturam-se.

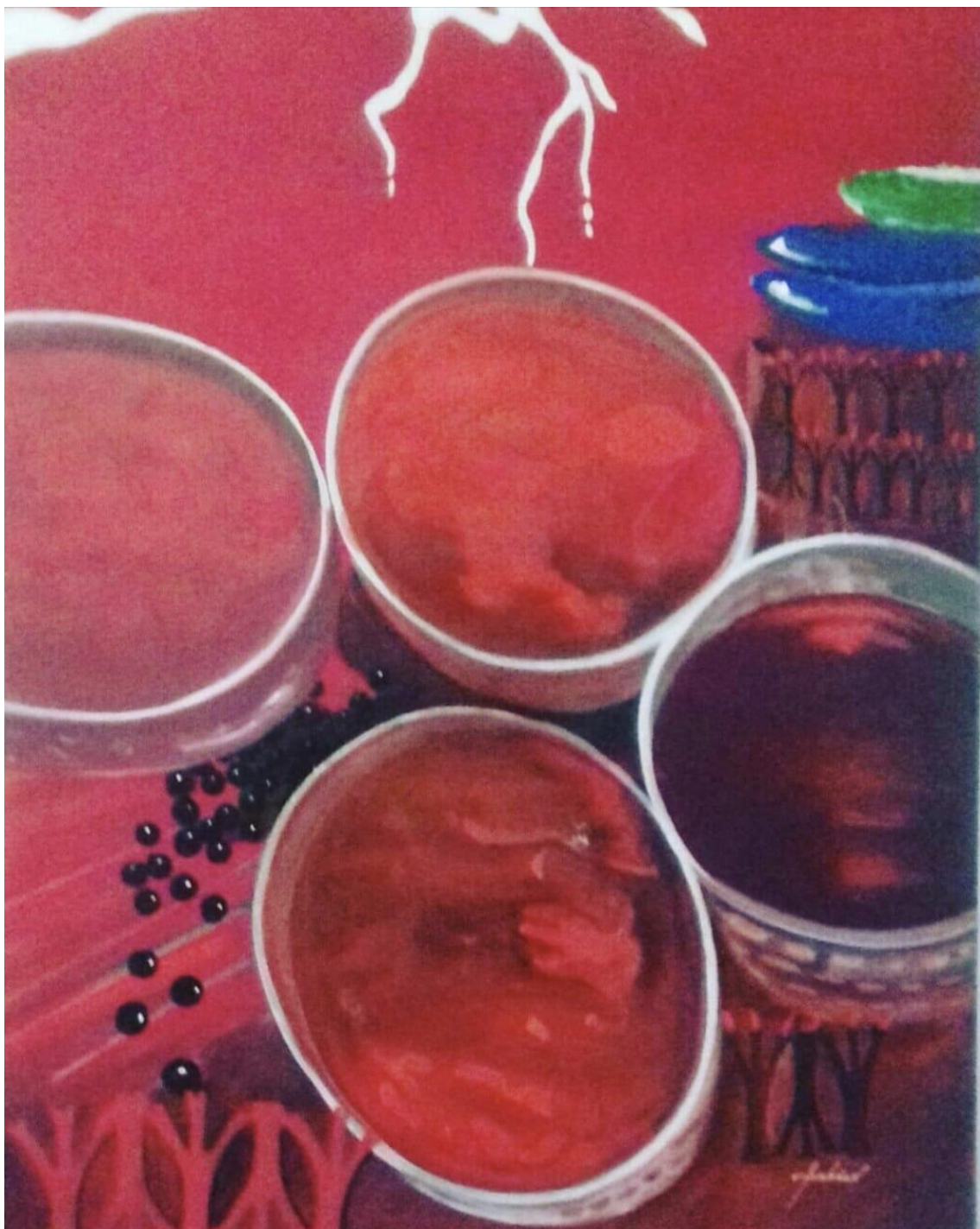
Sabes Sabino, grandes mestres das ciências, das artes e das filosofias, nascem póstumos – basta lembrarmos de K. Marx, R. Luxemburgo, A. Modigliani, V. Gogh e F. Nietzsche, tempos depois, as vezes décadas, o que fora trocado por pão, se transforma em milhão. Não ligues por não teres sido reconhecido como devias em vida – tu como aqueles grandes, serás!



Ao longo dos rios, sem florestas ciliares, gorjeiam os micos vermelhos, onde podem se alimentar?! Todas as curvas em todas as cores, por toda a floresta, há apenas troncos caídos, sem raízes, sem galhos, sem folhas, ... consumidas pelas chamas dos homens, esses majestosos "primatas superiores" (?!), que fizeram das flores?! Onde estão os frutos?!



Esperando que o rio azul transborde, vença a seca, revolte-se! Esse era o sentido que eu queria dar à obra. As praias vão se encher de tartarugas. Virão as desovas. Milhares de pequenos seres engatinharão alegres pelas areias, ao encontro das primeiras ondinhas. Anunciação da vida no Estuário Amazônico! Os quelônios, formam colônias. As colônias repartem a vida nos rios da Amazônia. A vida explode em cores, remansos, murmúrios. entre os pirarucus, piramutabas, maparás, matrinchãs, tambaquis, tucunarés, traíras, camarões, caranguejos, pescadores, presas e predadores. Tudo faz parte da vida. A Ecologia e Economia da Natureza. Enquanto houver rios, sejam superficiais, voadores ou subterrâneos, risos ... todas as águas brotarão, formarão novos rios.



Sigam rios, apaguem as chamas! Chuvas de invernos, abastecem touceiras, matem a sede e tragam fartas colheitas. Espalhem as pretas sementes, recriem as florestas e tinjam as tigelas até transbordarem nas mesas dos caboclos do mais sumoso, tinto-vermelho-roxo açaí.



As chuvas voltaram, trouxeram os frutos da cereja-de-cametá, depois chegaram os matizes de verdes, os pássaros coloridos e as brancas garças. Assim é na Amazônia, tudo depende das estações das águas, dos rios, das interações profundas entre a atmosfera-sol-água, solos-florestas-faunas, energias-matérias-fluxos complexos. Tudo se movimenta em poética da Vida.



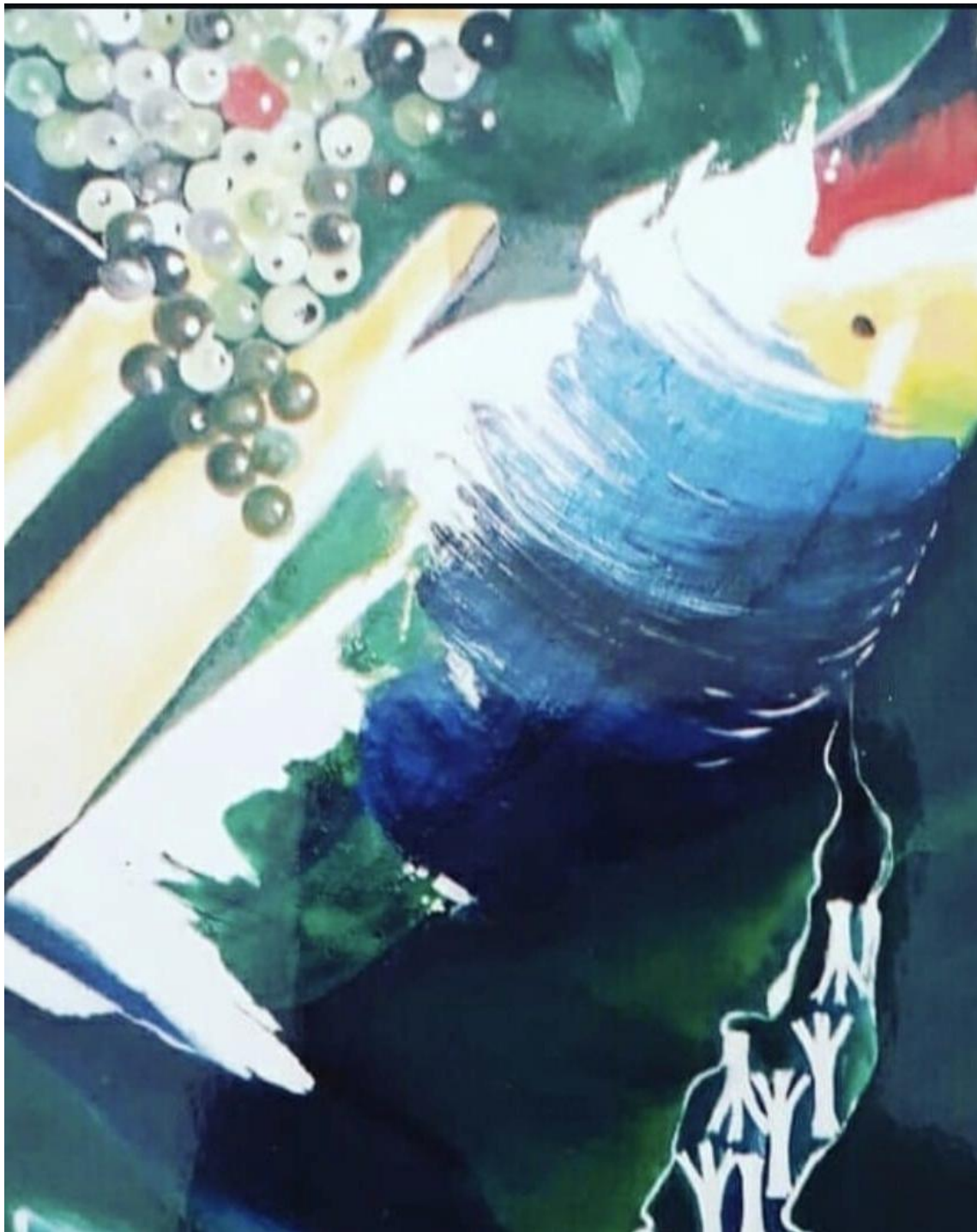
Olhos que te olham, “guaranaenses”! Cachoeiras de peixes em piracemas, sobem as escadas. O calmo batráquio espreita o movimento das luzes, das águas, dos ventos, das presas distraídas. Porque a espera é parte da sabedoria da Natureza.



Orquídeas, todas as cores, formas, tons, ... zumbidos dos zangões. Esparramem-se! Trepem nas mais altas árvores, anunciem suavidades, tempos bons, fragrâncias nas matas. Enchem os troncos de novos galhos, novas folhas, esperanças.



Homens brancos derramam teus sangues, ainda hoje,
camaradas indígenas! Esses mesmos que defendem o azul,
amarelo, verde e branco da bandeira, destroem-te. Mas eu e
tua triste cena, sina, cinza, ... aguardamos, enquanto
lutamos, pela reconquista de tuas terras da invasão e derrama.



Descem os rios as jangadas de toras e toras de madeiras. Todos os anos nas invernadas. Assim, como todos os anos pelas estradas. Aos milhões de metros cúbicos, as florestas decaem. Os peixes morrem. As frutas secam. Porque na Grande Amazônia, tudo está ligado a tudo, em sistemas complexos. Dialéticas metamorfoses. Histórias das realidades materiais e culturais, a floresta evoluiu com a os humanos ancestrais e vice-versa.



Os troncos, como se levantassem seus braços, em rendições, e/ou, por um segundo arriscassem a fuga, como se fosse possível correr das queimadas do agronegócio na Amazônia. As folhas e as flores ardem em vermelhas chamas, até se transformarem em grossas fumaças, fuligens e se espalharem tóxicas por toda a região, invadindo as cidades, os pulmões de humanos e não-humanos.



Os últimos troncos, sem vida, permanecem como testemunhas da História da *Sociedade Aniquiladora*. Nos rios, em águas revoltadas, jazem ensanguentados os seres aquáticos. Nada escapa à fúria do Capital! Vejo que tua visão saiu da consciência ingênua à arte-denúncia-crítica. Entendo, que em tuas obras os animais ganham falas, as plantas gestos, e as águas protestam revoltadas. Há em tuas telas palavras, filosofias. Tua arte, sempre refletiu um lado, da Natureza. Mas isso, significava, antes, uma arte sem enfrentar o Capital. Depois, há algumas décadas, nossos diálogos, os vejo impressos em seu trabalho – a Natureza Grita! Os povos estão presentes. Tua arte entrincheirou-se. Está apontada para a ignorância, para os gananciosos. Tua arte é razão, além de emoção.



Os troncos querem se fazer de pontes, de mãos dadas, precisam urgentemente atravessar até a última criatura ainda viva. Não importa se vertebrada ou invertebrada. Precisa chegar ao rio, está sedenta, não importa se o rio seja o Amazonas, Tocantins, Araguaia, Tapajós ...Trombetas, Xingú... Antes das secas, do último trecho ainda sem mercúrio, os bichos contam com a generosidade dos troncos. A comunidade dos comuns, oprimidos, explorados, cresceu. Pois, uma arte "calada", nada contribui, e a tua, passou a ser um memorial de Hiroshima Amazônico.



Os troncos dançam também, aos batuques das toadas dos povos indígenas. Mesmo sem galhos folhosos, aproveitam suas curtas pernas sem raízes para bailar. Ora parecem distraídos e leves, ora enfurecidos, juntam suas forças às dos Ticunas, Yanomami, Tucano, Tupinambá, Mundurucú, ... Kayapó, Satere-Mawé, Gavião, ...

O GRITO DO SILÊNCIO

(SABINO COSTA)

Pelo silêncio teu
choram meus olhos.
Pelo silêncio "dos homens"
choram os filhos famintos e
as mães adormecem em silêncio.
Pelo silêncio dos amantes
a noite esfria e elas
choram o silêncio vazio.
Pelo silêncio dos "verdes"
choram os povos da floresta
a flora e fauna em
silêncio desaparecem.
Pelo silêncio da Justiça
cresce a violência e os
infelizes choram suas vítimas.
pelo silêncio dos "civilizados"
os Yanomamis choram os
seus mortos e, no ritual do
silêncio comem suas cinzas.
Pelo nosso silêncio inerente
por falta de Amor à vida
a Natureza não chora, ela vinga!
Vinga com o grito do Silêncio.

Sabino

Sem mais, as palavras do poeta, pintor e provocador de pensamentos rebeldes...reflitam.



A fartura está à mesa! Eu te convido a partilhar comigo, matar tua fome de frutas, frases, multidões de riquezas da Natureza. Ela produziu, pelas mãos dos camponeses, dos povos dos campos, florestas e rios da Terra.

“A fartura deveria estar à disposição dos mais de 8 bilhões de humanos, e outros bilhões de não-humanos. Não apenas nas mesas dos abastados, banqueiros, ... burgueses” como bem lembram os “Comunistas Hormonais”, os “Comunista Inveterados”. Apaixonados pelo Amor à Humanidade, meus filhos seguem os passos de seus avós que eram camponeses-ribeirinhos... se tornaram amantes da floresta, fazem pequenos pomares em seus sítios – desde o Zaproma, em Santarém, semeiam saúde à Natureza.



Gilson Costa e Neuza Costa, seguindo uma tradição que passou de avós, pais, e seguirão – A arte vai além das telas, dos protestos, ... em múltiplas emoções



Recriam-se por teus filhos e netos. Aqui, esta obra é de Kalley Costa, seu neto, artista visual, seguindo a tradição inaugurada por ti Sabino – “Olhos Amazônicos” – uma releitura de tua obra, especialmente para homenageá-lo pela passagem de seu aniversário – mas o que esses olhos vêm, meu filho Moaccyr K!?



Uma estilosa gravura de Kerynn Costa, ou como se apresenta Kaptain-de-Kametá, outro neto, outro talento, que lhe reproduz em seu ateliê de Brasília, presente de aniversário. Os teus troncos decapitados, parece que seguirão multiplicados nas obras dele.

Bem, não se tornaram agrônomos, nem sociólogos, muito menos economistas, o que meus filhos querem mesmo, é ser artista! Tu és a referência deles – desejo que eles prosperem, se realizem. Mas temo por suas condições materiais, financeiras, porque a arte, não sustentou nem Carlos Drummond de Andrade, nem Vicent van Gogh. Vamos torcer!

A SEGUIR, O HOMEM E SUA FAMÍLIA



Casado há 40 anos com Dádima Costa, o casal em noite de gala no casamento de seu filho Gibson Costa e Josiane Costa. Uma noite memorável, de alegria, amor e celebração da vida!



Sabino e Neuza, outra “norinha”, como ele gosta de dizer. A indígena tapajônica dos olhos negros – guarda-salva seu filho Gilson das dobraduras e dores de ser torto, apesar de poeta.



Brindemos a vida! Que ela siga, como flui o rio Amazonas. Colossal, dos Andes à foz Marajó: lindo, rico, poderoso rio da Terra. Não pára, segue vivo, misturando águas doces e salgadas, até o mar. Depois toma o oceano Atlântico, rumo à imensidão. A Vida o que é?! Fluir...flutuar, mistura de doce, salgado, ... Deixar-se ir, em ondas, marés, mares, oceanos.



Sabino e Dádima reunindo os filhos e esposas, um brinde à vida, à alegria e ao reencontro. As belas, Josiane e Neuza, suas filhas por tabela, salvaram seus filhos da solidão, da dor.



Aqui, com os netos, Kalley, Kerynn. Uma parte de sua genética espalhada pelo planeta, são artistas como a ti, e por isso são teus continuadores, pela arte defensores da Terra.



É quem começou tudo isso?! João Maria Costa e Anézia Pereira Costa, em Cametá – Pará.



Sabino e Dádima. Gil, Gib e Glau – festa de aniversário de 50 anos do primeiro filho. Sorte, que eu pareço o mais novo (risos). Um indígena-pardo, um indígena-japonesado, um branco-caboclado. Sabino não é mole! Carrega a genética toda dos amazônidas.



O cara mais jovem é o de bermuda branca! Barriga chapada, ainda vamos chegar lá!



Tudo bem aí? Tudo certo. A tribo dos Gês: Gilson, Gilvane, Gilfredson, Gibson e Glau. Se ainda tivesse mais gês?! Sim, faltou o Glebson! Gilda e Quima, foram elas que gestaram tantos Gês. E tu, mestre Sabino, passou o pincel, pintou e plantou suas sementes safadas. E essa daí, nossa única irmã e o caçula.



Eu conheço esses Gês! Genialmente, geneticamente, que levaram trombadas, mas germinaram ... novamente e ao darem a volta, recriaram-se: Übermenschs nietzscheanos – na curva do tempo, o tempo curou tudo. Seguem suaves. Um é “todo coração”, outro é (quase) “todo razão”.

Sabino, teus filhos não faltaram às aulas da floresta, abstrata em tuas vestes, estampadas neste garoto de madeira, nos garotos que fizestes. E sim, como um dia no poema “Pai Ecologia”, do Gibson, tu nos encaminhastes para a Ecologia.



Aqui, com tu irmã Dalva Costa, em um barco a caminho do Mutuacá, em Cametá – Pará. A visita do camponês de outrora, um ribeirinho, em tuas memórias, as águas do rio Tocantins, estiveram rolando por décadas, em remos e canoas, às suas origens, um homem um dia volta, olhando diferente, mas não estranhado, sim com saudades de sua infância, juventude.



Catarina e Abelardo, cunhada e irmão de Sabino Costa. Meus tios amados,



Irmãs Durvalina e Dalva, com o irmão querido Sabino e a cunhada Dádima. Abaixo Sabino e sobrinhos, Todos em Mutuacá, lugar de origem do artista, onde seus pais também nasceram e o criaram na juventude.



Uma parte da família Costa, ao centro Eurico Costa e Zebina Costa, ladeados por seus filhos. Sabino, seguindo o tom alegre, em degradê de cores quentes: amarelas, laranjas e vermelhas! Uma multidão de cores, sorrisos e suavidades no encontro da vida com a poesia. Ah! Aí tem um “argentino”, casado com uma indígena tapajônica (risos), há ainda uma loira mineira, outra paraense, e muitas/muitos sobrinhos e sobrinhas indígenas. Que mistura linda!

Calma, tem mais: os pretos e pretas mais lindos da família! Sabino, tu carregas a genética toda da Amazônia! E como tal, sua história. Orgulhe-te, cumpristes os ritos, risos e rigores da Vida. Acertastes. Errastes. Mais ou menos, só tu sabes. Normal.

Da Amazônia à Arte, tudo te acolheu, aconteceu. Tivestes filhos, netos, bisnetos. Espalhastes tua genes, pintastes tua terra, amastes três mulheres: Gilda, Gima, Dádima – mesmo que umas mais que outras, sabemos, que em algum tempo, e dentro de ti, tivestes sentimentos, e delas, não apenas sentimentos, mas quase devoções, depois devorações.

Sempre admirei estas mulheres, como todas do mundo todo. Onde muitas, milhões e milhões, sofreram e sofrem ainda, a cultura patriarcal, machista, duramente. Haverá um tempo, que nós, homens, aprenderemos com elas, que sem a mulheres, o mundo dos homens não existiria.



Glau e Sandra, tua outra norinha. Deram-te os netos Pedro, Paulo, Jaqueline e João. Tua família, sague, feras, artistas da música! Alegrias em sorrisos largos-marfim, que não tem tempo ruim. O manifesto da alegria! A oportunidade da beleza, do farol do mundo, que te fizestes ver mais profundo. O Amor, Amor! E coloriu tua tez familiar com mais melanina! Nenhum dos teus filhos se dedicou tanto e por tanto tempo como este teu negro-indígena-amazônida-cabloquinho Glau. Eu o amo muito, obrigado por ter dado ele de presente para mim, para o mundo, para o mano Gib. Certamente, o filho mais filho da Dádima, recomendado, especialmente em carta da Gilda para ela - a Mãe Dádima - que nos criou e recriou mais fortes como si mesma, em um mundo inumano, nos fez mais humanos, verdadeiros, resilientes...seguiremos cuidando dela, não se preocupe. Também, ela é fortaleza.



Jaqueline em destaque, “azulindamente”, preparando teu primeiro bisneto. Há que se esticar a mesa, esculpir novas cadeira, pois tua prole, proliferou e inundou o mundo de proletários.

Fomos bem, demos certo. Somos trabalhadores. Tenhas o mais alto e bom orgulho. Apesar dos íngremes escarpados, dos rugosos relevos e sulcos profundos da vida, soubemos atravessar pelos abismos.



E o João? Continua solteiro, seu bonitão! Tem o nome de seu pai, seu Sabino – João Maria Costa, teu bisneto, muito elegante.

A seguir uma foto em dia festivo de mais um casamento em nossa família. Sandra e Glau lhe dando ao futuro, mais descendentes... mais alegrias e amores, mostrando que a vida, ensina.



E, no tapete vermelho, lá vem ela, conduzindo seu famoso filho Gibson ao altar da alegria! Quima, dessa vez ele não tinha como enrolar mais a Josiane (risos...). Assim foi a história do segundo Costa descendente de Sabino, irromper ao altar da felicidade, completude pois um homem não é feliz sozinho, nunca será.



Casastes teu filho Gibson com Josiane.



Não o bastante contente, casou logo o segundo. Casastes teu filho Glau com Sandra.



Celebramos casamentos, fizemos festas, fartas feitura! Aqui, teu neto Pedro e Andressa. Casamentos nunca faltaram em tua família. Dádima e Sabino, os casamenteiros. Que todos sejam felizes, meus irmãos, sobrinhos e sobrinha. Eu e Neuza casaremos no civil (não estou enrolando-a, é ao contrário!), também queremos uma cerimônia cultural indígena no Zaproma – Lugar de Paz e Amor.



Glau Costa e sua filha Jaqueline Costa, em casamento da primeira neta de Sabino Costa. Não disse, casamentos nunca faltaram na família e segue a tradição! Por que é bom demais!



Teu neto Pedro, preparando junto com tua neta postíça, Andressa, o teu bisneto mais novo, o Eduardo, que um dia vai encontrar sua “Mônica”, pela longa jornada da vida, desde o Ano Novo de 2025.

A vida teimosa, não deixa seu fluxo cessar, ao se reproduzir, produz o horizonte além, novos desafios, novas e mais esperanças. Um dia nossas crianças poderão derrubar o sistema perverso da Sociedade Aniquiladora!



Tempo, tempo, que nunca cessa, aqui Paulo e esposa Débora, a pose poética, a promessa de alegrias mais uma vez e
outras, outras tantas.



Dos campos dos cerrados, os sorrisos dos pais, Jaqueline e Rômulo. A vida brota, renova-se, floresce
como os girassóis de Van Ghog! Venha Heitor! E nos ensine a melhor viver



E o bacuri?! Nasceu mais um bisneto! A vida, recriando suas histórias, a Natureza. Mais alta é nossa responsabilidade com a Terra. As futuras gerações..., como dizia o genial revolucionário russo, Leon Trotsky: "A vida é bela, que as futuras gerações a limpem de todo mal, de toda opressão, e a vivam plenamente".



Kervynn e Jaqueline, com Yuki Sabine, e Yume "Gilde", as filhas. Uma linhagem derivada de Sabino e Gilda, bisavós atravessando a história da família – Gilda, uma galáxia toda feita de Amor, que passou tão rápido em nossas vidas, deixando sua herança genética, ética, sensível. Jaqueline, esperamos que seja e faça feliz nosso amado filho Kervynn Costa e suas filhas.



Yuki Sabine e Yume "Gilde", tuas netas, filhas do Kerynn Costa com a suave Jaqueline Costa. Olá bisavô, feliz aniversário!



Amigas, amigos, nora, sobrinha, genro... Tudo junto e misturado entre sorrisos e sabores!



Essa galera é fera! Obrigado meu irmão Glau e cunhada Sandra, por darem netos lindos ao Sabino e Dádima. Por lhes ensinarem além, que os sorrisos cabem em todas as cores, rostos. Eu tenho um orgulho imenso e gratidão ainda maior por vocês cuidarem de meus pais. Não saberia encontrar palavras pelas atitudes, ações, lições, abnegações, tudo que ainda nem sei expressar. Gratidão...



Dona Dádima, com sua primeira nora, Selma Pinheiro, e seus dois netos, Kalley e Kevynn. Meus filhos amados. Que chegaram antes que eu e Selma estivéssemos totalmente preparados, material e emocionalmente. Chegaram e são também uma obra da vida, Natureza. Teus primeiros netos, os que um dia iriam reivindicar as tuas veias artísticas e segui-lo.



Sob o olhar, da oncinha pintada, aí estão as crias, com Selma e Gilson, ao centro Milena – a salvadora do Kalley. Mulher, amiga, companheira de Artes Visuais, a sua melhor parceria! Nesse dia, na sorveteria Live Açai, foi maravilhoso. Prazer Milena, seja bem vinda à família. Esperamos que faça e seja muito feliz, ao lado de nosso filho amado, Kalley Costa.



fizemos selfies, brindamos e comemoramos, como bons paraenses! Ópá! Tem uma mineira aí, uai?! Tem, Tatiminha. Então pergunta para ela, o que é: "Uai?". Vai responder que "uai", é "uai", em Unaí! "Óh, trem bão!" Meninas mineiras são maneiras Sabino?! Sim!!!

O Gibão, entra com seu chame remista, uniformiza todo mundo de paraense, até a mineira (!), para ganhar todo mundo para o time dele, incluindo até a Neuza, azulina! Mas não esquece mano, que a Josi, é Papão! E o Sabinão, também! Então aguenta a encarnação!

Olha aí na página seguinte!



Tens filhos e noras dos maiores times da Amazônia, Remo e Paysandú. Rivalidades, só nos times, com a curiosa situação: Gibson e Neuza, são do Remo e Gilson e Josi, Papão!

Com Neuza, teus netos inusitados: são periquitos!

Lembras de nossos primeiros dias juntinhos? Desde o início sentimos que tu nos amastes. Dormíamos sob teus beijinhos e logo aprendemos a imitar-te. Obrigado Mãe!



Teus cuidados nos fortaleceram, nos deram vida e amor.

Uma cumplicidade sem fronteiras. Amor transparente, clarão de ontem e de hoje, de ti em nós. Por conta de ti, nosso mundo é lindo, farto. Somos teus filhos de asas. Somos teus nenês. Tu nos mimas muito e gostamos e até te chantageamos, dengosos que somos. Isso mostra que

tu és a nossa humana mais humanamente transfigurada
em Amor, Amor Neuza. Amor Natureza! Tua nora pariu!



Crescemos juntinhos, saudáveis e sapecas. Viva a Mamãe!

A mulher que o Papaíto nos deu como Mãe e a vida premiou-nos. E, agora, Sabino?! Engravidamos de aves!



Nós temos um lugar lindo, o Zaproma. Lugar de amor e paz!



Aqui estão teus netos e netas de asas: George e Bonita (testinhas amarelas) Pypy e Frida. Apreendi com meus filhos de asas, que o amor profundo não tem fronteiras entre humanos e não humanos. Quando estou muito cansado, triste, eles são a renovação de meu espírito. Deixo-os caminhar sobre mim. Abrigarem-se em meu peito. E, em poucos minutos, eles me restauram, levitam. É impressionante como suas energias se transmitem e transfiguram meu estado. Um dia escreverei um livro sobre eles, para homenageá-los.

Um grande beijo e Feliz Aniversário vovô Sabino!



Aqui a Belinha, primeiro plano, e o seu eterno amor, o George – são teus netos, curiosos...



Frida (Kahlo) e Modi (Giani). Amores do Papaíto e Mamaíta. Teus netos, homenageado a mais poderosa pintora comunista da História, e o mais louco pela vida de todos os pintores da Terra.



Eu, Kalley, Kerynn e a Kaly, minha filha do coração.



Aí estão as onças pretas! Neuza, Nane e entre elas a Numa! A Nane, é nossa filha humana, dos nossos corações. A Numa, é tua obra prima!



As viagens, as férias, o frio do Sul! Aqui, com a sobrinha amada, Manuela, esposo Leonardo e filha Sofia, reunindo a família, unida. Em pensamentos, secretamente dizes: "Sei que cuidarás de tua tia-madrinha, assim como todos teus primos. Nunca deixem o sorriso dela faltar, até o dia que nos reencontrarmos".



Um todo artístico particular foi o teu bolo. Obras da master chefa, Sandra Costa. Onde, só de olhar merejam águas salivantes, dançantes, bailes de saboreios a nos convidar para o salão das delícias, das multidões de riquezas, seja da cena artística à fortuna-fartura de chocolate!



E os brindes seguem, entre parentes e amigas, amigos... onde o vinho teve um lugar de celebração na vida de Sabino Costa.



Assim, mais uma vez, e sempre, lembraremos de ti, reunindo farturas, belezas e gentes.



Pedro, o avô e o vinho.



“Cunhada Diva, concunhado Jair, sempre conosco, Tatiminha e Eu”. Que lindas cores!

“Leveza e beleza da vida dividimos tantas vezes. Sei que não partirei de seus peitos.”



Tua afilhada Raquel Ibiapina, Diva e Jair, teus compadres. Em amis uma pose de alegria!



E o casal voador?!



Foram para todas as regiões do Brasil!!



“Essa é minha garota! Tatiminha! Jovialmente, vivi todos os dias com ela, uma vida longa!”



Seja no mato ...



Ou na praia.



Dia dos Pais, Presente! Que vivamos em Paz! Que sigas em Paz. Pai, eternamente os seus.



Todos os anos em que essa orquídea amazônica florir, vamos lembrar de teu aniversário. Ela é tua, como tua foi a vida dedicada à arte de pintar e enaltecer a vida, as flores, as florestas, as belezas. Ela é uma flor de agosto, ao teu gosto. Verde floração. Perfume inconfundível, que lembra mel!



Grandes amizades não morrem! O Bichão sabia disso. "Partiu primeiro, mas calma Bichão, no meu céu, antes de Jesus partir da Terra, nos ensinou sobre o Amor Total. E, sobre as bênçãos de Deus, nós vamos nos reencontrar, meu amado amigo. Assim como meus pais, irmãos e irmãs. Vamos brincar, dançar, pintarei tudo de novo, para pendurar nas paredes do Senhor."



“Mas, antes disso, me deixe degustar a última garrafa de meu vinho favorito, familiar. Vinho Kadette, dos campos vinícolas franceses, também produzidos na África do Sul, outrora uvas

que foram amassadas com os pés descalços – bem que lembram o agai amassados à mãos nos alguidares da minha mãe.”



O autor e seu pai. A arte pulsa em mim. Herança tua, mas na Literatura. Obrigado, pai.



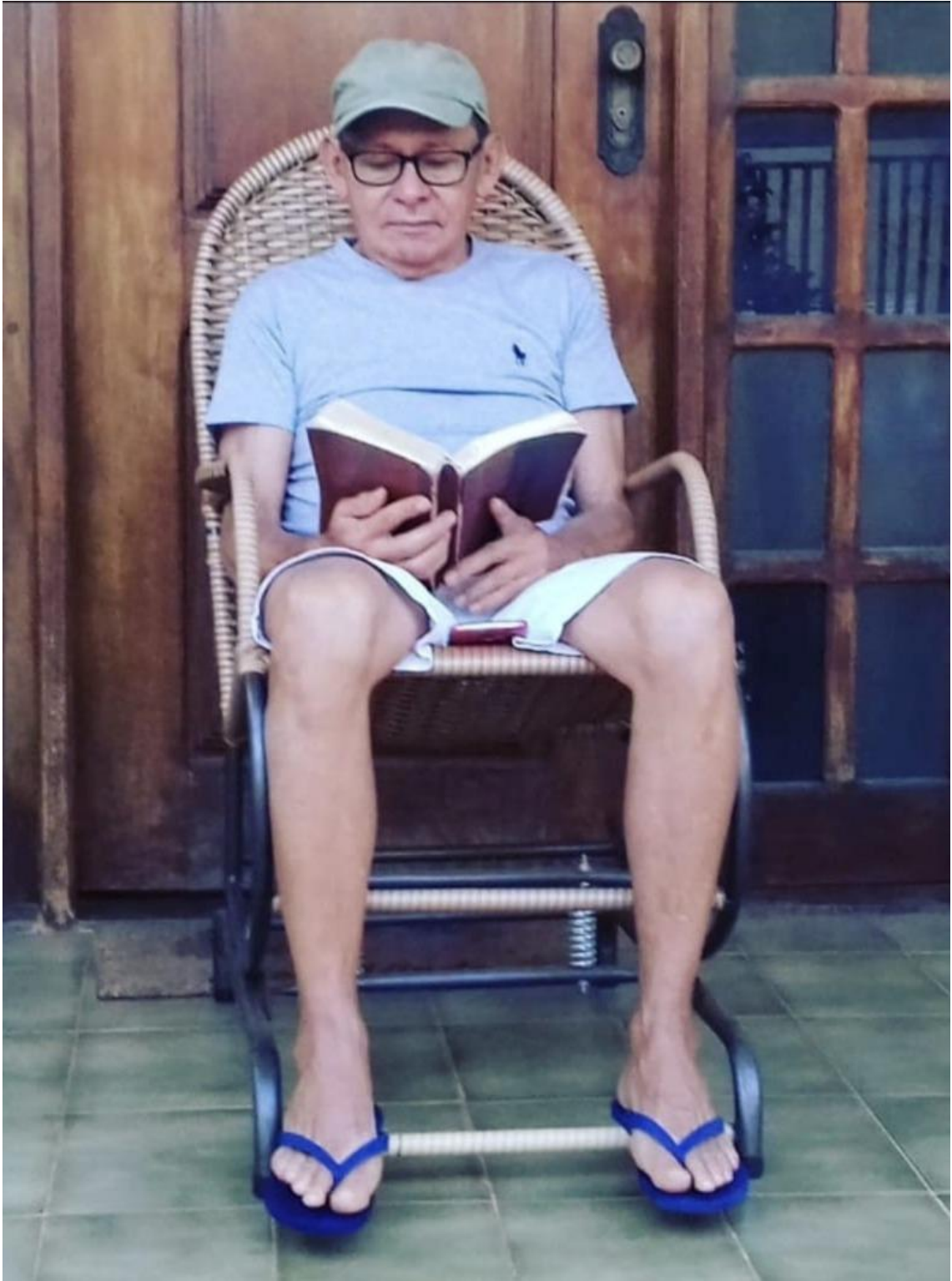
Sabino, sua tigela de açaí com tapioca, e aquele sorriso de paraense-amazônida-raiz em seu encontro mágico com a gastronomia indígena, homenageando nossos ancestrais na estampa. Gosta de mulher? Sim e de açaí? Vixemaria! Kkk...



Ama tanto açaí, que quer repousar à sombra da palmeira na Praça dos Artistas, em Cametá. Tua vontade será cumprida, não faltaremos com os teus últimos desejos, velho-jovem Pai. Ainda achamos sedo demais, mas a Natureza sabe o que faz. Ela ou o teu Senhor, te chama. Vá em Paz, nós ficaremos nesta lida de lutar pela vida, até que um dia repousemos também.



Um homem que aproveitou bem a vida, um artista, um amante da Natureza.



Leu bons livros...



E, enquanto respiro, eu canto, toco, até o último respiro, enquanto houver Vida!



Sabino Costa, obrigado pai! Nós, teus filhos Gil, Gibão e Glau e esposa Dádima, te amamos!



POSFÁCIO

Duas coisas a mais. Uma no campo do indivíduo, outra da coletividade. Sempre achei que a relação máxima se entrelaça entre indivíduo e coletividade, sua posição na vida, no mundo, social, cultural, político e interpessoal.

Como artista, pintou telas incríveis! Genial. Usou as tintas, pincéis e espátulas com maestria. Moldou em cerâmica formas disformes. Até arriscou poesias... devo dizer que inicialmente muito idealistas, mais tarde, sob minhas críticas, mais contundentes, sociais, além de ecológicas. Mais materialistas, menos abstracionistas. Deu mais conteúdos às formas! Denunciou mais abertamente das atrocidades, aniquilações. A tua marca: os trocos decepados, pelas raízes e copas. Impecável! Imagens poderosíssimas espalhados em meios às multidões de cores, movimentos e gritos, vozes dos bichos e gentes.

Mas em sua vida pessoal eu te digo: não fostes “o melhor pai do mundo”, tão pouco “o melhor marido” para dona Gilda e dona Guima, ao contrário, fizestes essas mulheres padecerem, sofrerem muito! – ainda que tenhas se redimido, de fato, em teu relacionamento com a mãe Dádima. Ainda bem, parabéns por essa evolução!

Não escrevi estas poucas linhas para te julgar ou cobrar nada, a essa altura, posto que já te cobre e muito por teus erros com elas e conosco. Mas não posso, em meu nome, dos meus irmãos Gibson e Glau, e especialmente de nossas mães, deixar de registrar esse fato em tua história. Pois, por décadas doeu em nossas mães e em nós mesmos. Hoje, creio, superamos.

Gilda já há 39 anos falecida, foi cedo demais, e Guima, mesmo com os rigores do tempo e “da dor e delícia” da longevidade, segue viva, como testemunha dos acontecimentos do que nunca esqueceu. E, Dádima, nossa outra eterna Mãe, evidentemente, foi afortunada com sua maturidade marital, responsabilidade emocional, que, ao que parece, só o tempo te trouxe no trato com as mulheres e assim também como a vida paternal com teus filhos, netos e bisnetos – como o “patriarca” da família.

Antes, por muito tempo, vinha a tua arte, o teu “espírito livre”, e os teus desejos, primeiramente, evidenciando que foste tanto quanto egocentrado, individualista, sem uma palavra de perdão, por toda sua vida, mesmo sendo cristão: “Eu não peço desculpas”. Isso lhe impõe, não a humildade, que sempre lhe foi cara “em palavras”, mais cara em realidade, verdade. Isso me faz lembrar de uma frase famosa entre os comunistas revolucionários – e, eu sou um deles – a acho incrivelmente realista, racional, verdadeiramente forte: “As palavras convencem, mas os exemplos arrastam!” – sendo eu um cientista que preza pelo método Materialista Histórico Dialético Sistemático – MHDS, assim acredito que os exemplos são maiores que as palavras.

Não estou com isso a lhe dizer que sou perfeito, longe disso, mas de fato, ser simples, ser humilde, reconhecer erros, são para poucos homens e mulheres. Pai, por meus erros, dificuldades de entender a vida, desculpe-me. Quando nos tornamos pai, também somos filhos e vice-versa. Talvez, eu também não tenha sido “o melhor filho do mundo”. Mas te agradeço por ter sido meu pai. Por ter me dado meus irmãos Gibson e Glau. Minha mãe Dádima. Todos os meus filhos, sobrinhos e sobrinhas, filhos do meu irmão Glau, que vieram no tempo que se desdobrou, incluindo os meus e minhas netas e os netos dele – portanto, teus netos, bisnetos

e bisnetas. Onde, por ti, todos e todas vimos. E, contudo, estamos aqui, como diz meu irmão Gibson e comemoramos e passamos por “momentos bons e outros não-tão-bons”. Não temos como passar pela vida sem as dores, as lágrimas. É preciso coragem para viver e tocar em frente.

Sem mais, pois como diz minha amada cunhadinha Josiane Costa, “vamos ser positivos, pensar pela positividade”, então sigamos agora sem mais dores. Queremos, como indivíduo que fez “tudo o que queria”, que teus últimos dias sejam de uma passagem suave, que sigas em paz, pois, sem ser cristãos, eu e Gibson – parecemos mais cristãos que muitos que tem Cristo em seus discursos – pai, te perdoamos por tuas falhas. Mas, nosso irmão Glau, o senhor e Dádima, nossa família inteira, são cristãos, e, em respeito a estes, celebramos a tua fé e de todos, com todo coração, esperamos que entendam o percurso de cada um de nós, mesmo se também não conhecerem profundamente, concordarem.

A outra questão, de cunho coletivo: Cristo, Gandhi, Chico, Rosa, Trotsky e Quevara, que têm em comum? Muitas coisas e muitas divergências. Em comum: todos foram revolucionários; todos foram grandes lutadores sociais; todos foram assassinados... por que tinham uma causa coletiva revolucionária, repito. Tinham o mesmo desejo de ver a Paz e o Amor, prosperarem na Terra. Quais as diferenças? O método, as estratégias de lutas.

Cristo, Gandhi, Chico, lutaram pela coletividade, queriam libertá-la. Mas eram pacifistas, idealistas. Acreditavam que, pela consciência dos homens e mulheres, estes seriam capazes de fazer a revolução, pacificamente. Convenceram milhões, bilhões até. E, após todo esse tempo, o mundo só piorou em opressão, exploração e aniquilamento, de

tudo, das esmagadoras maiorias dos pobres, dos povos, das culturas... Natureza.

E Rosa, Trotsky e Guevara? Foram indivíduos que lutavam pela coletividade. Mas defendiam que era preciso se defender! “As armas das críticas e as críticas das armas”, deveriam estar nas duas mãos. Elevar a *consciência alienada* ou acrítica dos indivíduos e das massas, para a *consciência crítica* e desta, para a *consciência revolucionária* – passando, dialeticamente, sobre a *consciência reformista*, dos “acordos com a burguesia”, “da paz sem paz”, que nada mais são que um remendo ao sistema social, político, econômico e jurídico, para “humanizar” o capitalismo. E, ao mesmo tempo, dialética e dialogicamente, avançar rumo à “tomada de poder” – onde reside a forma e o conteúdo para acabar, de fato, com a *Sociedade Aniquiladora*, produzida e sustentada pela burguesia: “afora o poder, tudo é ilusão”, dizia Lênin, com toda razão. Pois somente com a tomada do poder, do Estado, e consequentemente do controle das armas, sob as mãos do proletariado e do povo, se poderá apontá-las contra os exploradores, opressores, aniquiladores e traidores. Promover as mudanças profundas, sociais, econômicas, políticas, ambientais, culturais, etc. Sem, no entanto, anular os indivíduos e suas subjetividades, criatividade, individualidades e, pela educação, conquistar a mais ampla consciência política, social, ecológica destes e das massas.

Que isso têm a ver com este livro sobre artes, família, cultura? Tudo, além, não escrevo uma página, sequer, um parágrafo, que não seja em nome da Revolução! Revolução Socialista, Socioambiental, Ecosocialista, Ecomunista. Revolução Permanente. Que seja capaz de ao libertar os indivíduos, liberte as massas e vice-versa. Para isso servem todas as armas: pão, pedra, pintura, porrete, poesia... palavras, pancadas,

partituras, panfletagem, pânico para a burguesia, esta classe infame, que nos obriga à fome, à fúria, a conviver com toda feiura.

Sua arte ajudou muito, fez e fará parte da relação indivíduo-coletividade. Ela denuncia e continuará a denunciar os aniquilamentos... e ao mesmo tempo nos levita. A consciência revolucionária, é a máxima consciência crítica. E pela crítica e suas armas, poderemos, novamente (quem sabe do futuro?), voltarmos às críticas das armas, como o fizeram a os Cabanos e os Cubanos da Amazônia à América Latina e Caribe.

Então, os covardes burgueses, estes que se apropriaram de tudo, exploram os trabalhadores e povos do mundo, saberão que as pinturas, poesias, palavras, estão também, eivadas de fogo, envoltas em pedra, engarrafadas com gasolina e nossas bandeiras vermelhas, roxas, coloridas, carregam mastros-porretes. Além, evidentemente, das armas mais eficientes e tecnológicas, de nossos irmãos e irmãs de classe, fardados, que abrirão os quartéis, aportarão as esquadras e apontarão as esquadrilhas... serão (novamente, quem sabe do futuro?) sob o comando de nossas/nossos generais revolucionários, as/os capitães revolucionários, nossas/nossos comandantes ao lado dos dirigentes políticos civis, mais uma vez, serão, aqueles que respeitaremos, amaremos, como foram em seu tempo Leon Trotsky, Chê Guevara, Vladimir Lênin, Rosa Luxemburgo...

A todos eles, e aos revolucionários do presente, sejam conscientes ou inconscientes (como penso que tu és, meu pai), digo: A vida é mais, a vida é bela. Obrigado por tudo.

Gilson da Silva Costa, vulgo Gil Kamuttá

Santarém, 03 de setembro de 2025.